

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA DE FÁTIMA BARBOSA DE  
MESQUITA BATISTA**

INTERVIEW WITH THE PROFESSOR MARIA DE FÁTIMA BARBOSA DE  
MESQUITA BATISTA

Thiago Barbosa Soares<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins/CNPq

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista<sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba

**Resumo:** Nesta entrevista, dialogamos com a Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, do PPGL/ UFPB que nos fala de sua atuação nas áreas de Semiótica das Culturas e Literatura Popular.

**Palavras-chave:** Entrevista; Semiótica; Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista.

**Abstract:** In this interview, we spoke with Prof. Dr. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, from PPGL/UFPB who tells us about her work in the areas of Semiotics of Cultures and Popular Literature.

**Keywords:** Interview; Semiotics; Maria de Fátima Barbosa de Mesquita-Batista.

— **(Thiago Barbosa Soares).** Profa. Maria de Fátima Batista, é um prazer entrevistá-la, precisamente nesse momento em que a Acta foi recebida na Universidade federal de Tocantins, proveniente da Universidade Federal da Paraíba, da qual a Senhora é professora e atua no Programa de pós-graduação em Letras. Poderia complementar essas informações iniciais que possuímos com uma apresentação mais ampla de seu percurso acadêmico e profissional?

— **(Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista).** Sou professora titular da Universidade Federal da Paraíba/ UFPB e, mesmo aposentada, continuo atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) onde oriento mestrado e doutorado. Posso dizer que minha formação acadêmica começou em Campina Grande, minha cidade natal, em 1966, quando iniciei o curso de graduação em letras neolatinas numa Faculdade que, à época, era particular e,

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3805792490721258>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3220-2323>. E-mail: [mariadefatimambatista@gmail.com](mailto:mariadefatimambatista@gmail.com)

posteriormente, foi encampada pelo Município, com o nome de Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE) e, por fim, pelo Estado da Paraíba (UEPB). Atuei alguns anos como professora na rede pública do Estado da Paraíba e de Pernambuco: de língua portuguesa e francesa no Ensino Fundamental e Médio, e de língua latina no Ensino Médio. Como disse antes, fiz o curso de neolatinas porque, desde a primeira série do curso ginásial, que hoje se chama fundamental maior, estudava-se muito latim, pelo qual me sentia muito atraída pois me ajudava no raciocínio lógico. Penso que foi essa ajuda que me levou a compreender bem a sintaxe, desde a gramatical, à sintagmática e à sintaxe semântica que constitui um dos momentos do percurso da semântica interpretativa de Rastier. Somente em 1981, dei início às Pós-graduações: fiz especialização em língua portuguesa e mestrado também em língua portuguesa. Sou doutora em *semiótica e linguística geral* pela USP de São Paulo e pós-doutora pelo INALCO-Fr (em semiótica das culturas) e pela Universidade de Paris VIII (em semântica proxêmica) e ainda pela Universidade Federal da Bahia- BR (também em semiótica das culturas). Fui aprovada em concurso público para língua latina (o primeiro) e para língua portuguesa (o segundo). Minha atuação como professora foi mesclada com a de pesquisadora. Por exemplo, como ensinava linguística aplicada ao português (histórico, à morfologia, à sintaxe etc), no ensino do latim, utilizava os mesmos pressupostos teóricos da linguística para explorar os fatos e foi assim que realizei um estudo morfológico do verbo latino com base em Matoso Câmara que estou preparando para publicação. Em 1988, tive o meu primeiro projeto de pesquisa aprovado pelo CNPQ, na categoria desenvolvimento científico regional, com o título *Manifestações da Poesia Oral na Paraíba e em Pernambuco*, durante o qual, levantei um número considerável de textos poéticos orais que serviram como *corpus* de pesquisa a trabalhos posteriores como: o de Produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica/CNPq, no período compreendido entre 2010 a 2021, quando desenvolvi os projetos: *Raízes do Brasil na Literatura Popular e Semiótica das Culturas Populares*.

— **(T.B.S.)**. Gostaríamos de saber por que esse interesse por literatura popular quando a Senhora é doutora em Semiótica e Linguística Geral e atuou como professora de Linguística aplicada ao ensino da Língua Portuguesa.

— **(M.F.B.M.B.)**. Na minha juventude, não se fazia diferença, muito rigorosa, entre os conteúdos a serem estudados. Lembro-me de que realizei os estudos literários com o mesmo interesse que tive com a Linguística que, na minha graduação, eram estudos ainda embrionários. Os professores de Língua Portuguesa utilizavam os textos literários em sala de

aula para aplicar os conteúdos de que estavam falando e foi assim que entrei em contato com o texto histórico de Língua Portuguesa, inserido em cada fase da língua desde o romance galaico-português aos textos clássicos, românticos, realistas, simbolistas. Assim, pude ler cantigas medievais, textos do teatro de Gil Vicente, Sermões de Vieira e outros. Nas disciplinas de latim e francês, a situação era a mesma: lemos textos em Latim clássico como discursos de Cícero, textos poéticos de Horácio, Virgílio e Ovídio, além de textos da Literatura Francesa, desde a sua origem com as cantigas do ciclo de Carlos Magno e do ciclo bretão ou arturiano, como *La chanson de Roland*, Tristão e Isolda até textos de autores românticos e realistas. Tive excelentes professores de língua na graduação que eram também professores de literatura. Eis aí a primeira intuição. Ao fazer a especialização em língua portuguesa, esqueci um pouco a literatura para adentrar nos estudos linguísticos, principalmente na sintaxe que tinha sido a minha paixão nos primeiros anos do estudo de latim. O momento exigia de mim afunilar um pouco os conhecimentos para aprofundá-los. Encontrei um excelente professor de sintagmática e assim decidi ser sua orientanda no mestrado. No entanto, no final do curso, era obrigatório fazer duas disciplinas de literatura e eu escolhi Ariano Suassuna (porque conhecia alguns de seus escritos) e literatura oral porque “pensava” que me era desconhecida. Meu espanto foi grande ao descobrir que eu conhecia toda aquela produção literária, desde a minha mais tenra infância: eu era um cancionista ambulante e sabia de cor, também, muitos romances orais que eram cantados por minha mãe, tias e avós.

Com a professora do curso, organizei a primeira edição do *Cancioneiro da Paraíba e daí*, nunca mais parei de estudar e levantar textos da literatura oral. Esse envolvimento gerou um conflito com o meu orientador do mestrado e eu acabei precisando trocá-lo por outro que entendia meu interesse pela literatura oral. Reformulei o projeto para sintaxe semântica que apliquei à análise de um livro pouco conhecido de Ariano Suassuna – *História d’O rei degolado nas Caatingas do Sertão*. Na expressão popular, eu estava com ‘a faca no queijo’. Com Ariano Suassuna, aprendi a amar, a divulgar a literatura popular e tornei-me incentivadora do seu estudo. No doutorado, não poderia ser diferente: da sintaxe semântica, passei para semiótica do discurso, aplicada às variantes de quatro romances orais que levantei no Nordeste do Brasil. Graças a Deus o orientador era Cidmar Pais, da USP/SP, que aceitou minha dupla face de estudos que, na verdade, era uma só: uma teoria semiótica aplicada ao texto literário oral. Um ano depois de concluído o doutorado, passei a compor o elenco dos orientadores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e descobri o grande interesse que os alunos demonstravam pela teoria semiótica. Propus, então, a criação de uma linha de pesquisa sobre o assunto que hoje se intitula *Estudos semióticos*, onde orientei também usuários de Braille e

Libras.

Atendendo ao pedido da Profa. Neuma Feschine Borges, uma das fundadoras do Programa de Pesquisa em Literatura Popular-PPLP, coordenei este programa de 2004 a 2018, quando, junto com os orientandos de iniciação científica e da pós-graduação, estagiários e professores de biblioteconomia, trabalhamos, com afinco, a literatura popular escrita ou *literatura de cordel*, publicada no suporte folheto: catalogamos, digitalizamos o acervo e, assim, criamos a cordelteca do PPLP e, depois, a xiloteca, uma vez que a xilogravura acompanha a história do cordel desde épocas imemoriais. Quero dizer, portanto, que não posso me afastar da literatura popular. Ela e eu somos uma coisa só.

**Figura 1.** Neuma Feschine Borges (à esquerda) e Fátima Batista em viagem para um Congresso de Literatura Popular na cidade do Porto-Pt..



**Fonte:** acervo pessoal da entrevistada.

— **(T.B.S.)**. Seu trabalho, portanto, reúne Literatura Popular, de um lado e, de outro, Semiótica das Culturas. Poderia nos falar, especificamente, do fazer semiótico em sua vida?

— **(M.F.B.M.B.)**. Bem, já lhe falei sobre o trabalho realizado com Pais que era greimasiano, no entanto, na tese de doutorado de estado, defendida na França em 1993, ele desenvolveu seu ponto de vista sobre a *Semiótica das Culturas*. Ele estudou temas como os conflitos da narrativa, as estruturas de poder, os sistemas de dominação, a cidadania plena, como também, as relações intersubjetivas e espaço-temporais de enunciação e de enunciado que passaram a me interessar muito e eu não só utilizei alguns desses aspectos em minha tese, como lhe disse que desejava fazer a tradução de seu trabalho. Tempos depois, ele me entrega um caderno xerografado, somente com os momentos que tratavam da semiótica das culturas e me autorizou a fazer a tradução que já está concluída, mas ainda não foi publicada. Vendo meu interesse nesse tema, orientou-me que procurasse François Rastier na França, para um possível pós-doutorado.

Por essa época, Rastier estava orientando no INALCO, em *Nogent-sur-Marne*, muito próximo

a Paris. Por e-mail, apresentei-me e ele me aceitou e me convidou para um Seminário que iria ministrar em fins de 2008 e início de 2009, aliás em pleno inverno, na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris. Transferimo-nos, daqui, meu esposo, minha filha e eu, somente com a coragem (porque não deu tempo solicitar bolsa) e posso afirmar que muitas coisas boas aconteceram desde então: traduzi um livro de Rastier que, em 2010, foi publicado pelo PPGL/UFPB e inúmeros outros artigos seus que foram publicados na Acta ou em livros que organizei.

Com ele e com outros pesquisadores, com os quais entrei em contato, através dele ou de Cidmar, organizei dois Congressos internacionais – SEMICULT I – que teve uma versão presencial (em 2014) e uma a distância – II SEMICULT –, em 2022, da qual participaram inúmeros pesquisadores da França, Brasil, Canadá, Estados Unidos e ainda do Marrocos.

Rastier criou o coletivo *La Reconstruction* (do qual faço parte e que considero como um importante grupo de estudo internacional). Este coletivo, em dezembro de 2021, colocou no ar um *Seminário de Oficina e leitura* com uma série de conferências que, partindo dos estudos históricos e comparados do século XIX, procuram mostrar a diversidade que envolve o estudo das culturas ao englobar a totalidade dos fatos humanos.

Em princípio, achei muito difícil traduzir Rastier. Apesar de ser um autêntico discípulo de Saussure e de ter participado do grupo de Greimas, sua teoria traz muitos aspectos da antropologia cultural, sobre os quais precisei ler para poder entender. Levei para sala de aula onde pude discutir com alunos. Foi um trabalho árduo, mas juntos, pudemos aprender bastante e descobrimos que outras ciências sociais também trabalhavam esses temas, como Direito, Psicologia Social etc e estar fora deles era ficar fora do contexto das ciências humanas. Começamos a aplicar essa teoria aos nossos textos e fizemos muitas descobertas. Eu, por exemplo, nos últimos anos centrei-me no estudo do *cosmopolitismo cultural* e descobri que, apesar da crença de que a literatura popular representa nossa identidade, a análise dos textos levantados mostrou que eles nos irmanam com outras culturas. O cosmopolitismo cultural que, aparece neles, com frequência, reúne, em um único texto, não só linguagens diversas (verbal, musical, gestual), mas níveis de língua diversos (popular e erudito), gêneros literários diversos (conto e cantiga), como até línguas diferentes. Cito como exemplo o romance *La condessa* que menciona duas línguas diversas: a portuguesa, na maioria das palavras, e a espanhola no uso do artigo ‘La’ e do pronome pessoal ‘Yo’ que em sua forma aspirada dá ‘Jô’ (“*Onde mora La Condessa [...] – quero uma de vossas filha para Jô casar com ela*”). É que o texto remonta ao romance galaico- português quando as duas línguas eram uma única.

**Figura 2.** Rastier, sua esposa Christine e pesquisadores do PPLP quando recebeu a medalha PPLP



**Fonte:** acervo pessoal da entrevistada.

— **(T.B.S.)**. Penso que, agora, poderia dizer alguma coisa sobre como se tornou a editora da revista *Acta semiótica et lingvistica* e o que foi para a Senhora essa experiência.

— **(M.F.B.M.B.)**. Veja, em princípio falar da Acta é falar da Sociedade Brasileira de Professores de Linguística–SBPL, presidida pelo Prof. Cidmar Pais, para a qual a revista foi criada e da qual, ele também era o editor-chefe. Após sua morte, em reunião da SBPL na SBPC, em julho de 2009, foi-me pedido para verificar a possibilidade de editoração da revista na minha pós, na UFPB que, nessa época, era mista, ou seja, com estudiosos de literatura e de linguística. A proposta foi aprovada pelo meu colegiado e eu fiquei como editora, a partir de 2010, tendo como vice a Profa. Dra. Marieta Prata de Lima Dias da UFMT, que deu uma ajuda preciosa na organização dos números e no processo de avaliação dos artigos, ampliando o número de avaliadores. Infelizmente, ela precisou aposentar-se e eu dei continuidade ao encargo até agosto desse ano, quando a revista foi transferida para a Universidade Federal de Tocantins.

Na sua fundação, a proposta era a publicação do volume com um único número a cada dois anos. Depois, tornou-se anual, semestral, e hoje publicamos três números anuais, tendo havido época em que fizemos quatro números, sendo um dossiê especial, geralmente em homenagem a alguém que foi importante para a revista, como o Prof Dr Cidmar Pais, a Profa Dra Maria Aparecida Barbosa, a Profa. Dra. Socorro Aragão. O ano passado, por exemplo, fizemos um dossiê temático internacional sobre os trinta e cinco anos da Semântica Interpretativa de Rastier.

Em princípio, a revista era apenas gráfica. Depois, conseguimos uma edição digital com hospedagem no site de Periódicos da UFPB e hoje ela possui duas entradas. Procuramos, junto a articulistas dos primórdios da revista, edições anteriores e digitalizamos aquelas que pudemos encontrar. Foi uma tarefa árdua que realizamos com prazer, mas aos poucos, vamos sentindo a necessidade de que outras pessoas deem continuidade. Alegra-nos, bastante, que a Universidade Federal de Tocantins tenha mostrado interesse em fazê-lo.

**Figura 3.** Cidmar T. Pais e Maria Aparecida Barbosa.



**Fonte:** acervo pessoal da entrevistada.

— **(T.B.S.)**. Pode nos falar sobre livros/trabalho que publicou?

— **(M.F.B.M.B.)**. Acho que estudei, ministrei aulas e orientei mais do que publiquei, não porque não tivesse o que publicar. Por outro lado, as traduções, os artigos em anais ou como capítulos de livro e organizações coletivas tiveram prioridade sobre os livros individuais. Existem alguns individuais concluídos, esperando publicação e outras para finalizar e dar o aspecto de livro. Veja bem, a literatura popular realiza-se dentro de um espetáculo semiótico que envolve várias linguagens – verbal, não verbal e sincrética – , o que nos faz precisar da ajuda de estudiosos em outras ciências humanas para entender o texto popular por completo. Lembramos que os musicistas cooperam com os registros musicais do cancionário/romanceiro e os técnicos em mídia, com as gravações. Isto não só provoca um *delay* no processo, como onera, sobremaneira, as publicações. A experiência me deixou certa de que vou ter que publicar os livros que faltam com recursos próprios. A cada dia, os editais apresentam um número de vagas muito restrito e, assim mesmo, para livros em até trezentas páginas, o que nem sempre combinou com os trabalhos que fiz. Para citar um exemplo, dois orientandos meus foram classificados em um edital de publicação da PRPG/UFPB, mas tivemos que reduzir os trabalhos, o que prejudicou as transcodações dos textos populares para libras e Braille que vinham em anexo. Outro exemplo que cito é o do *Romanceiro do Brasil*, que possui seiscentos

e quarenta páginas e não posso tirar os textos populares porque eles estão inseridos, diretamente, nos estudos. Pelas mesmas razões, não conseguimos publicar a nossa tese que inclui um levantamento do romance oral no Nordeste do Brasil.

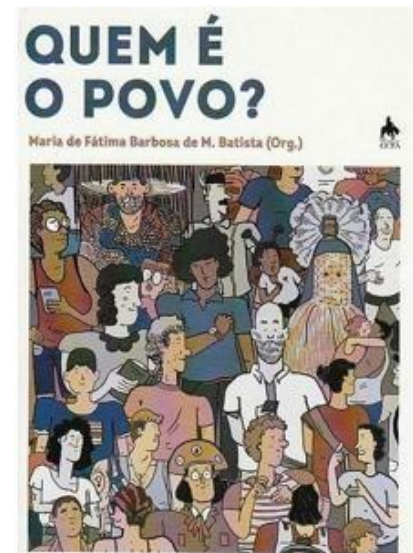
Entre os livros individuais publicados pela UFPB, estão: *A tradição ibérica no romanceiro paraibano*, que recebeu em 1988 o prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras e constitui um estudo interpretativo, comparativo e histórico do romance oral *La condessa*, muito frequente na nossa tradição oral; e a tradução do livro de Rastier *Ação e Sentido por uma semiótica das culturas* (2010), bibliografia básica para os alunos dos cursos que ministrei sobre Semiótica das Culturas. Publiquei, também, como organização individual, o livro *Quem é o Povo?* (2021), coletânea de ensaios que discutem o significado plural do povo, sua constituição em tipos étnicos e culturais diversos, seu *modus vivendi* e sua literatura, considerando pontos de vistas de pensadores da modernidade.

**Figura 4** Fátima Batista, com Austregésilo de Athayde (ABL) por ocasião do recebimento do prêmio João Ribeiro (1988).



**Fonte:** acervo pessoal da entrevistada.

**Figura 5.** Capa do livro



Como lhe disse antes, coordenei um Programa de Pesquisa em Literatura Popular, o PPLP, onde encontrava, frequentemente, meu grupo de pesquisa, constituído de orientandos de Iniciação científica, da pós-graduação e estagiários de biblioteconomia, e ainda de professores que frequentavam o programa.



**Figura 6.** PPLP

**Fonte:** acervo pessoal da entrevistada.

Juntos, fizemos muita coisa, não só o trabalho técnico de cuidar dos folhetos, já dito anteriormente, mas a organização de eventos nacionais (como os Simpósios Nacionais de Literatura Popular/Sinalp), de eventos locais (como as Semanas PPLP) e a ampliação da biblioteca de Literatura Popular. O Prof. Arnaldo Saraiva acompanhou esse trabalho, de perto, como cooperador acadêmico da Universidade do Porto na UFPB.

**Figura 7** – Prof. Dr. Arnaldo Saraiva na Semana PPLP – Dez. 2007

**Fonte:** acervo pessoal da entrevistada.

Criamos uma coleção de Literatura Popular, na qual, publicamos, de forma gráfica (pela UFPB) e digital (pela UEPB) e organizados por BATISTA et al: dois livros de estudos em literatura popular — *Estudos I* (2004 e 2018) e *Estudos II* (2011 e 2018); *Estudos sobre o Romancero tradicional* (de Braulio Nascimento); *Memórias de um vaqueiro* (de Ado Cordeiro de Melo); *A caipora e o fim do mundo* (de Néelson Araújo). Afora os dois últimos que são obras poéticas populares, essa coleção contém artigos, de diferentes pesquisadores que descrevem os gêneros literários de expressão popular, como a cantiga, o romance oral, o conto popular, a cantoria de viola, o folheto de Cordel etc.

Ainda em parceria, publiquei: (1993) *O Cancioneiro da Paraíba*<sup>3</sup> (com Idelette Muzart como primeira autora), conjunto de cantigas tradicionais levantadas na Paraíba, acompanhadas

<sup>3</sup> Está sendo feita pela professora Maria de Fátima uma segunda edição revista e ampliada.

de registro musical e de um estudo preliminar sobre a origem e a preservação da cantiga popular tradicional; (2015) *Semiótica e Cultura: dos discursos aos universos construídos* (com François Rastier), com 537 páginas, que contém vinte e três artigos de pesquisadores nacionais ou estrangeiros sobre semiótica e cultura. Incluem-se, ainda, dois livros resultantes de dissertações por mim orientadas e que foram aprovados para publicação em editais públicos (2019): *Transcodificação de contos populares para língua brasileira de sinais: uma leitura semiótica da cultura surda*, com Sandra Maria Diniz Oliveira, como primeira autora; *Cordel em Braille: procedimentos semióticos da transcodificação*, com Flaviano Batista do Nascimento como primeiro autor.

Acredito que a maior produção foram os trabalhos orientados: teses, dissertações que permitem antever uma continuidade. Incluo aqui, também, os de Iniciação científica, sobretudo, por me terem agraciado, três vezes, com prêmio *Jovem Pesquisador*. Os estudos iniciais que fiz sobre literatura popular (em prosa e verso/oral e escrita) serviram de base aos orientandos que os ampliaram com novas análises e/ ou levantamentos, como por exemplo, sobre Cantoria de Viola em São José do Egito (por Josivaldo Custódio da Silva); sobre a Poesia Popular da Serra do Assaré (por Adriana Nuvens de Alencar), sobre o conto popular no Sertão paraibano (por Maria Nazareth de Lima Arrais), sobre as Cantigas tradicionais (por Maria José Lima de Carvalho e Mariza Nóbrega) e ainda sobre a literatura de cordel (por Elizabeth Baltar e Renata Pinto).

**Figura 8.** Professores e apresentadores estrangeiros e brasileiros no I SEMICULT



**Fonte:** acervo pessoal da entrevistada.